

Vida Alentejana

SEMANARIO AGRICOLA // PECUARIO // TURISTICO DE COTACOES

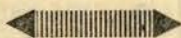
Editor: ANTONIO BELEZA
Propriedade da Empresa em organização: ALENTEJANA-EDITORIA

DIRECTOR
PEDRO MURALHA

Redacção, Administração e Oficinas:
R. DA ROSA, 105—Telef. 2 1622—LISBOA

Adubos "SAPEC"

Superfosfatos
Sulfato de amonio
Adubos potássicos
Adubos mixtos para
todas as culturas



Os melhores adubos
Nas melhores sacarias

"SAPEC"

Rua dos Fanqueiros, 121

— LISBOA —

LUSALITE

Fibrocimento nacional

O material mais indicado para nitreiras, silos, coelheiras, aviários, colmeias, depósitos para água, vinho e azeite, canalisações, caleiras para rega, divisorias, tectos e coberturas.

Económico, resistente, leve, isolador, higiénico e duradouro

O nosso serviço tecnico presta, gratuitamente, todos os esclarecimentos

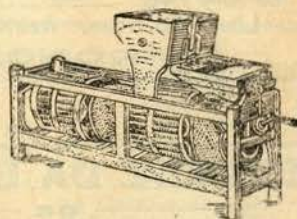
Distribuidores gerais:

CORPORAÇÃO MERCANTIL PORTUGUESA, L.ª DA

Rua do Alecrim, 10—LISBOA

Telefone 2 3948 — 2 8941 Teleg: Fibrocimento

Crivos "MAROT"



São estes os únicos que satisfazem plenamente os agricultores, seleccionando com impecável perfeição trigo, centeio, cevadas e aveia

Pedir mais detalhes ao representante exclusivo em Portugal
CASA CATELLA—Rua de S. Paulo, 109—LISBOA

O mercado moderno exige...

FRUTOS SÃO E PERFEITOS

Torna-se, pois, necessária uma contínua defeza contra as pragas que infestam os Pomares, Hortas e Jardins, com:

Produtos

SOLBAR  VENETAN
USTIN

Pedir preços e folhetos explicativos:

Secção Agrícola

Sociedade de Anilinas, L.ª da

Travessa das Pedras Negras, 1
LISBOA

João Manuel Palma

SERPA

Produtor e fabricante de azeites, pelos processos mais modernos

Telefone N. 5274

J. J. d'Almeida

Cereais, Azeites e Farinhas

Rua de S. Bento, 297—Lisboa

Francisco Romão Tenório

Herdade da Figueira de Cima

Creador de muares de raça seleccionada, e de gado cavalari, bovino, suino lanigero e caprino. — Produtor de toda a qualidade de cereais.

Lãs, Cortiças, Azeites, Queijos

ARRONCHES

PATRICIOS

Inscreevei-vos na

«LUTUOSA NACIONAL»

(ASSOCIAÇÃO SOCORRO MUTUO)

Subsidios de **5, 10, 15**
e **vinte mil escudos**

A mais solida garantia de sobrevivência

Peça hoje a sua inscrição

Entrada dos 18 aos 45 anos

Rua Victor Cordon, 31, 2.º

LISBOA

HERDADE DA GRAMICHA

DE

Francisco Adelino Gonçalves

Creador de gado bovino, suino, lanigero, azinino e caprino

PRODUTOR DE CEREAIS, LÃS, AZEITES E QUEIJOS

ELVAS

Dr. Rosado Baptista

VACINA FIEDMANN, para cura da tuberculose, das 11 às 16. Classes pobres. preço de Policlínica, às segundas e quintas, Av. Almirante Reis, 31, 1.º — Tel. N. 4363

JOSE JULIO BRITO PAIS FALCÃO

HERDADE DO MONTE VELHO

Exploração Agricola e Pecuaria

Colos—**ALENTEJO**

**CLINICA
MEDICO
CIRURGICA**

DE

Dr. João Polido e Dr. Covas Cima

Casa de Saúde

Tratamentos electricos, diatermia. Raios ultra-violetas, infra-vermelhos, correntes galvânicas Faradycas

RAIOS X

Quartos para internamento de doentes

Alta cirurgia a cargo do Ex.º Sr.

Dr. Amandio Pinto

R. Capitão João Francisco de Sousa

BEJA

C. J. SOARES

CIRURGIÃO DENTISTA

R. Alexandre Herculano, 108, 1.º-E.

Telefone 4 2890

Desconto de 20 % sobre a tabela aos socios do Grémio Alentejano a suas familias

Vida Alentejana

SEMANARIO AGRICOLA // PECUARIO // TURISTICO DE COTACIÃO

Editor: ANTONIO BELEZA

Propriedade da Empresa em organização: ALENTEJANA - EDITORA

DIRECTOR

PEDRO MURALHA

Redacção, Administração e Oficinas:

R. DA ROSA, 105 - Telef. 2 1622 - LISBOA

Trigo, Farinha e Pão

É muito sensato o editorial do *Século* do dia 7, a propósito da nota do sr. Ministro da Agricultura que nós publicamos no nosso último número.

É formidável esse artigo, cujas afirmações principais vamos arquivar na nossa revista.

Assim, pois, o *Século* com um desassombro que muito o nobilita diz-nos:

Vêr-nos-emos realmente perante uma superprodução de trigo? É possível. O que não nos vemos com certeza é diante de uma saturação do consumo. Ninguém ousará afirmar que o povo português come todo o pão que pode comer. Sendo a população do País de cerca de sete milhões de indivíduos e consumindo-se em média 417 milhões de quilos de trigo por ano, feitas tôdas as correcções indispensáveis, levando em conta a água, o farelo e mais matérias primas usuais que entram no fabrico do pão, reconhece-se que cada português não chega a ingerir por dia duzentas gramas de um género de primeira necessidade, que constitui a base da alimentação dos pobres, da classe operária e até da maior parte da classe média. É muito? É suficiente? A nós, se não nos parece irrisório, pouco menos.

É o que força o povo português a consumir tão pouco pão? A sua carestia evidente e a sua crónica má qualidade.

O preço excessivo por que êle se vende e a sua confecção detestável.

Sobre a afirmação, contida na referida nota officiosa, «que se produz trigo a mais», vê-se no citado artigo:

«Para que não se produza trigo a mais é indispensável reduzir lhe o preço, baixar as tabelas respectivas, impôr à lavoura sacrificios e restrições dolorosas? Talvez. Se isso é preciso, há porém, alguma coisa mais a fazer, para que não sofram apenas uns em beneficio de outros. É de elementar justiça e de basilar equidade baixar as taxas de moagem e de panificação, tão altas e exageradas presentemente, que não constitui segrêdo para ninguém os lucros provenientes duma e doutra».

E após criteriosas considerações, referindo-se ao remédio para debelar o mal, apontado pelo ilustre titular da pasta da Agricultura conclue assim o seu belo editorial:

O remédio para o mal que o sr. Ministro da Agricultura aponta não depende, portanto, de entraves directos ou indirectos postos à produção de trigo. Esse remédio reside principalmente no alargamento progressivo e constante de pão, fazendo-o chegar a s lares onde não chega hoje, levando-o a tôdas as mesas com abundância, tirando-lhe o caracter de artigo de luxo, que de certo

modo ainda tem, popularizando-o enfim tanto quanto possível. E isso só se consegue barateando-o à custa de todos: dos lavradores, dos moageiros e dos padeiros como a moral e o respeito pelo consumidor e até o próprio prestígio do Estado impõem. Doutra forma, o problema obterá apenas uma aparência de solução, com a qual o País não concordará e que poderá conduzir áquilo que a moagem omnipotente ardentemente ambiciona: a importação de trigo exótico, seu maná predilecto.

Fez-se um grande esforço para levar a lavoura a produzir todo o trigo necessário ao seu completo abastecimento. Há três anos que não nos vem do estrangeiro um único bago desse cereal precioso, o que tem feito com que no País hajam ficado os montes de libras com que seria preciso pagar aquele que nos faltasse. Tenha-se cuidado! Evite-se tudo quanto possa conduzir à situação deficitária antiga. A lavoura resignar-se-á por certo a sofrer restrições. O seu patriotismo não a fará desanimar. Mas se a lavoura vai sofrer redução nos seus lucros, é imprescindível e justissimo que moageiros e padeiros passem por provação igual. Se a lavoura, produzindo mais em menor área, pode alcançar as compensações a que tem direito, também a moagem fabricando mais farinhas, e a panificação vendendo mais pão podem com facilidade ressarcir-se do que taxas de indústria mais baixas venham a obrigá-las a receber a menos. O problema é de uma delicadeza excepcional. Só com equidade e com justiça bem repartida será possível resolvê-lo bem.

BRAZÕES ALENTEJANOS



Arronches



Marvão



Aviz



Fronteira

Uma justa nomeação

Na passada 5.^a feira reuniram-se em Évora grande número de Câmaras Municipais do Alentejo, e outras do sul do país afim de nomear o seu Procurador à futura Câmara Corporativa do Alentejo. Vimos ali as seguintes: Alandroal, Almodovar, Alter do Chão, Alvito, Arronches, Avis, Borba, Castelo de Vide, Castro Verde, Cuba, Fronteira, Marvão, Mertola, Nisa, Odemira, Reguengos, Souzel, Vidigueira e Vila Viçosa. Fizeram-se representar por procuração as Câmaras de Ourique, Portel, Crato, Gavião e Monforte.



Dr. José Fraústo Basso

Apesar, porém, de um delegado presumivelmente pretender intrigar a reunião, inventando que o Governo havia indicado certo nome, a assembleia, quasi unanimemente, escolheu o nosso querido amigo e assignante Dr. José Fraústo Basso, que, há frente do Município de Nisa, tem demonstrado extraordinárias faculdades de trabalho e de inteligência

Mas, depois daquele nosso amigo ser eleito, e verdadeiramente surpreendido por essa manifestação de confiança, num gesto que bastante o honra, agradeceu a sua nomeação declarando que não podia aceitar tal nomeação porque, desde aquele momento deixava de presidir aos destinos do Município que ali representava.

Esta declaração causou na Assembleia a maior sensação, deliberando-se mandar um telegrama ao sr. Governador Civil de Portalegre solicitando-lhe para que não aceite tal exoneração.

Ao nosso bom amigo Dr. Fraústo Basso, não o felicitamos apenas pela sua escolha para a Câmara Corporativa, mas sim pelo seu gesto que demonstrou eloquentemente que elle nada pediu, nem nada suggestionou para que o escolhessem a elle.

O problema dos Trigos e do Pão

— Um lavrador que é também industrial de moagem e de padaria faz-nos comunicações muito interessantes —

O Sr. Luís António Passanha Pereira não é um homem velho na idade mas pode-se considerar velho na agricultura, visto que foi no meio agrícola que elle nasceu, e onde sempre tem vivido. E' um dos mais arrojados lavradores não só do seu concelho, Ferreira do Alentejo, mas em todo o districto de Beja. Elle não é só lavrador mas também industrial de moagem e padaria.

Pois é o Sr. Luís Passanha Pereira, nosso prezado amigo de há longos anos, que procurámos no *Internacional* logo que tivemos conhecimento da sua chegada Lisboa. Depois dos cumprimentos que sempre se usam entre amigos velhos inquirimos da sua opinião acerca da *Vida Alentejana*.

— Mas é muito simpática, nos responde. Conte sempre com a melhor vontade de um velho amigo.

— Diga-me, Luís, é de opinião que o pão poderá baixar de preço sem se tocar na tabela de trigos?

— Evidentemente. E olhe que lhe fala não só o lavrador mas também o industrial de moagem e de padaria.

— Como poderá então produzir-se uma baixa no preço do pão?

— Pela mesma forma porque se podia vender em algumas localidades o pão mais barato, sendo a tabela de preços do ano passado a mesma deste ano.

— É então de opinião que se deve estabelecer dois tipos de pão, tal qualmente o expôz na *Vida Alentejana* o Sr. Dr. Nunes Mexia?

— Sim, de dois tipos e no Alentejo aquelle tipo de pão regional que constitui a alimentação principal das classes pobres. Criação que não satisfaz o povo o pão fabricado com farinha espoada, e tal medida com certeza lhe irá agravar a sua já precária situação de vida

— Supõe que a Lavoura não se aguentará com a possível redução na tabela de trigos?

— Suponho que esse facto será a ruína completa da agricultura, que teve a sorte de ter dois anos razoáveis mas, que está sempre na contingência de ter grandes desastres. Se não fôsse a abundância de trigo nos anos de 1932 e 1934 que miséria não haveria por esse país fóra, principalmente no Alentejo?

— Diga-me amigo Passanha Pereira: Em sua opinião como se havia de resolver o magno problema dos trigos?

— Por uma forma simples e não

será necessário estabelecer-mos coisas originaes. Basta copiar o que em Itália fez Mussoline.

— Mussoline fez...

— Estabelecer que o Estado compraria todo o trigo nacional. Nós poderíamos adaptar o sistema pela seguinte forma: O Estado adquiriria à Lavoura todo o trigo que esta pudesse produzir, mas ganhando em quilo \$10. Se o ano fôsse abundante exportaria todo o ascendente pelo preço dos mercados lá de fóra, ainda que tivesse de perder nessa operação. Sendo porém o ano escasso importaria trigo dos países que o fornecessem em melhores condições de preço e entregaria à Moagem pelo preço da tabela recuperando assim algum prejuizo que tivesse.

— Mas se se tivesse que reduzir a tabela em \$10 no quilo, os lavradores seus colegas aceitariam essa redução de boamente?

— Estou convencido que aceitavam. E' mesmo um absurdo pensar o contrário visto que a Lavoura já contava com as suas possibilidades e as próprias casas fornecedoras de adubos se sacrificariam um pouco, visto que não havendo agricultura a sua missão seria nula.

Vimos em Lisboa

Os nossos presados assinantes:
De Arronches — Francisco Romão Tenorio. Antonio Joaquim Manuel, Ataide Delicado e Joaquim Romão Tenorio.

De Colos — José Julio Brito Pais Falcão e sua Ex.^{ma} filha, D. Maria Julia.

De Vale do Sado — Joaquim da Silva Brito Pais.

De Avis — José Diogo Pais.

De Souzel — Bastos Ribeiro.

Melhoramentos no Alentejo

Pelo Fundo do Desemprego foram destinadas as seguintes verbas para melhoramentos no nosso Alentejo:
Conclusão de Edificios Escolares:
Mertola (Masculino e Femenino) 7 500000.

Odemira (Femenino) 5.000\$00.

Reliquias (Masculino e Femenino) 12.500\$00.

Santa Luzia, Ourique (Masculino e Femenino) 20.000\$00.

Vale de Vargo, Serpa, 8.000\$00.
Alter do Chão 15.366\$07 para construção de um lavadouro.

O Alentejo retalhado?

A propósito da divisão do País em Províncias

Por Luiz de Sousa Gomes

III

Como dissemos, implantado o regime Liberal no País, com a revolução do Porto e trinta dias mais tarde em Lisboa, tratou o governo provisório de assentar nas bases de uma Constituição e na organização do Parlamento que a aprovasse antes do regresso de D. João VI, do Brasil.

Então, como em 5 de Outubro de 1910 e ainda no momento actual, dividem-se as opiniões.

Um grupo de oficiais do exercito, em que predominavam os de patentes superiores, impõe o juramento da «Constituição Espanhola» promulgada em Cadiz a 19 de Março de 1812, e até que as «Cortes» se pronunciassem.

Este movimento porem é devido e levado a cabo pelo «Juiz do Povo», que, apoiando-se na atitude dos oficiais da «Guarnição de Lisboa», afirmava que as instruções que o governo estava dando não eram conformes ás da «Constituição Espanhola», que ao tempo toda a gente conhecia em Portugal.

Assim em 11 de Novembro de 1820, o «Juiz do Povo» faz reunir o «Povo da Capital» em frente ao Palácio do Governo, onde previamente se prostrara a «Guarnição de Lisboa», intimando os desejos que tinha: — «... de umas Cortes liberalmente escolhidas como as de Espanha e, uma Constituição não menos liberal do que a de Cadiz».

Eleitos os deputados, prestam juramento e entram no «Palácio das Côrtes» em 24 de Janeiro de 1821, onde a «Junta Governativa» lhes deu posse e saíu apoz a sua abertura.

A constituição de Cadiz está assim redigida no seu art. 11.º e que serviu de modelo á nossa; — «Logo que as circunstancias politicas da Nação o permitam o territorio Espanhol será convenientemente dividido por uma lei constitucional».

É no seu Titulo VI, cap. I, trata «do governo das Províncias e dos Povos».

Deles constam as disposições que dizem respeito ao que nós chamamos «Corporações administrativas», conjuncto de pessoas sujeitas á mesma regra ou estatuto, isto é: — *individuos que, colectivamente, administram ou dirigem certos negocios de interesse ou administração publica.*

A nossas Côrtes, trataram do

assunto no artigo 20.º do projecto da *Constituição Portuguesa de 1820*, dando-lhe a seguinte redacção:

«A Nação Portuguesa é a união de todas os portugueses de ambos os hemisferios.

O seu territorio forma o reino-unido de Portugal, Brasil e Algarves e compreende: Na Europa o reino de Portugal que se compõe das provincias do Minho, Traz os Montes, Beira, Extremadura, Alentejo e reino do Algarve e das ilhas adjacentes Madeira, Porto Santo e Açores.

.....
Do territorio do reino unido se fará a conveniente divisão».

Depois tratam do «Governo administrativo e Economico» um dos seus capitulos. «Dos administradores Gerais e das Juntas de Administração», delibera, resolve e determina:

«Artigo 212.º: — Haverá em cada Districto um administrador Geral, nomeado pelo rei ouvido o Concelho do Estado. A lei designará os districtos e a duração das suas funções.

Art 213 — O Administrador Geral será auxiliado nas suas funções por uma «Junta administrativa». Esta junta será composta de tantos membros quantas forem as Camaras do Districto; porem ás cidades populosas que tiverem uma só camara corresponderão tantos membros quantos a lei designar».

Na sessão de 10 de Junho é entregue o «Projecto da criação das Juntas administrativas das Províncias», sendo regeitado e encarregada a «Comissão da Constituição» de não só recolher novas e várias informações, como ainda de apresentar um novo projecto em lugar daquele.

Na sessão de 18 do mesmo mez, um membro da Comissão apresenta cinco quesitos, que são rejeitados por desnecessários e a Comissão encarregada de apresentar o projecto, o que fez.

A desorganização social da epoca, agravada ainda com o movimento reparatista do Brasil, dá lugar á morte da Constituição Liberal que solta o último suspiro, com o movimento militar de maio de 1823 — a Vila Francada.

Volta o absolutismo, e, a organização administrativa que criava de facto e de direito a «Provincia» em Portugal, não chegou a ter realisação.

Mas por hoje basta: continuaremos porem em futuros números.

Aldeia Nova de S. Bento

Entre olivedos, montados e terras de barros, onde as searas abundam, há uma terra a que o vulgo chama Aldeia Nova de S. Bento.

É esta povoação a maior ou uma das maiores aldeias de Portugal.

Florescendo no centro duma região verdadeiramente agrícola, desenvolveu-se-lhe, como é claro, o progresso derivado da agricultura, o comércio e a indústria.

Assim é que Aldeia Nova tem hoje a sua posição marcada na vida económica do concelho de Serpa, a quem está anexa.

Se, porém, Aldeia Nova é pródiga nos elementos fornecidos pela Natureza, outro tanto não sucede nos elementos que o Homem deveria criar para seu bem material e espiritual.

Há falta de luz naquêles cérebros, e luz eléctrica nos seus lares. As manifestações artísticas e intellectuais são nulas.

Em Aldeia Nova, a não ser a mal-dita taberna, nada mais há onde o Homem possa recrear o seu Espirito, depois dum dia de trabalho e de canseira. É ali, na taberna, que os trabalhadores se reúnem e que, de pois de bebidos uns copinhos, ou lhes dá para a «guerrêa», ou então, para o admirável, para o sublime, que são as suas canções regionais. Depois de prestadas as honras ao Deus Baco, prestam-se venias ao Deus Orfeu, e de dentro da taberna saem e elevam-se até ao infinito, canções tão maviosas, que dir se ia estar perto o Paraíso. Como por encanto a taberna trasforma-se numa Escola de Canto e música vocal.

É isto, só isto, que Aldeia Nova tem a recomendar ao visitante. Quem ainda não ouviu as canções regionais do Alentejo, vá de jornada até Aldeia Nova, pela estrada internacional Lisboa Sevilha.

Mas, oh Aldenovenses, olhai que isto é pouco e muito pouco; não vos deixeis adormecer ao som do lente das vossas cantigas; despertai dessa sonolência e metei mãos á obra. Cultivai mais as vossas canções, construí lhes um local próprio para a sua execução, arranjai um ou mais grupos de cantadores e saí com êles em excursão; cultivai a música, criando uma filarmónica; organisaí, emfim, a comissão de iniciativa que trate dos interesses, do desenvolvimento artístico e intellectual dessa boa Gente, pois que, nem só de pão vive o homem.

CRUZ LOURO

Todos os alentejanos devem assinar a «Vida Alentejana».

OVINOS

MAIS de três milhões e meio de ovinos tem Portugal.

Como são eles? A maior parte pequenos e ordinários.

Por esta razão, Portugal, que pela sua produção de lã, poderia bastar-se, deve importar lã por valores elevados.

Tem sido muito variável o consumo da lã em Portugal, no período dos últimos 50 anos, mas podemos ter como facto constante, que o pêso da lã importada corresponde ao pêso da exportada.

Mas ao passo que exportamos lãs ordinárias e cujas, importamos lãs finas.

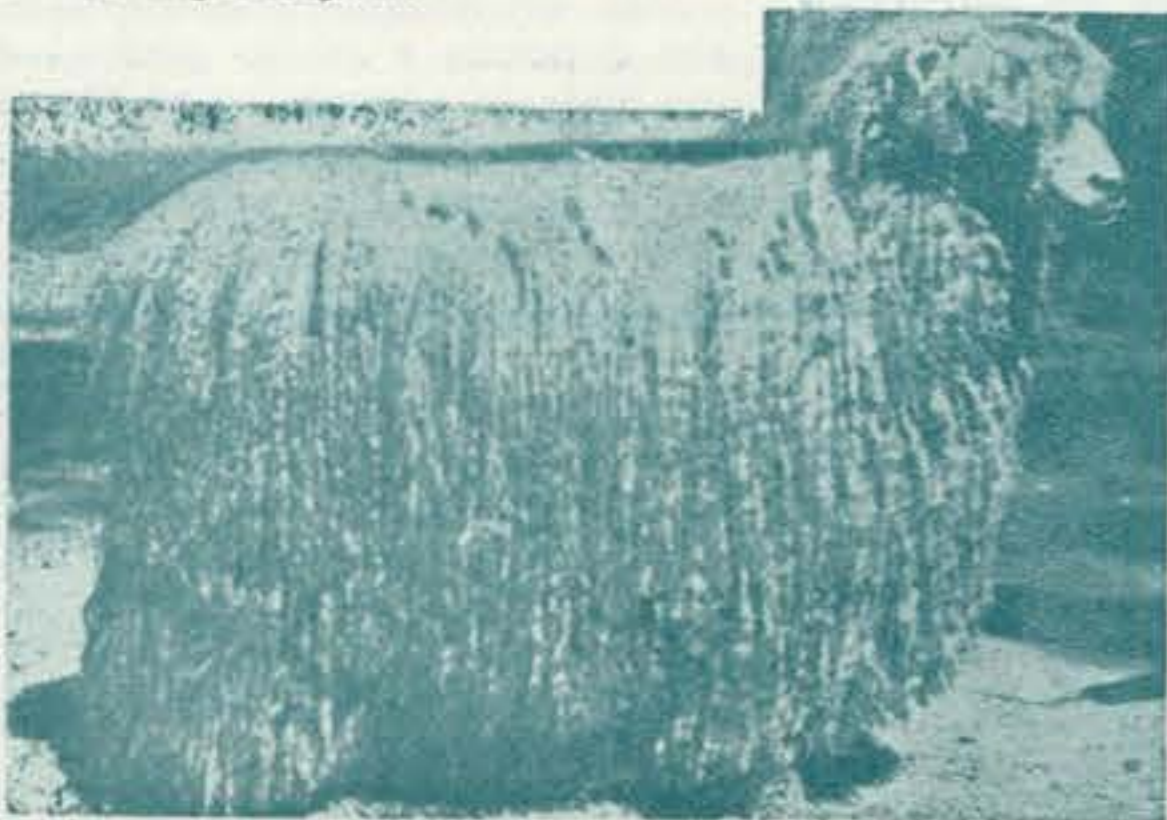


Da Casa Agrícola, Córtes & Córtes, Estremós

Num certo tempo eram lãs em bruto.

Ultimamente tem sido lãs lavadas, estambreadas, fio e até fios já tingidos.

Podemos assentar que o valor das importações de lãs ainda por tecer regula por cinco vezes o valor das exportações.



Campeão que ganhou o 1.º prémio na Exposição de Buenos Aires (1925)

Como disse o quantitativo varia muito, mas podemos pôr, para nos fazer uma ideia, dez mil contra cinquenta mil contos.

Qual é a razão deste facto:

Portugal não tem lãs brancas, de primeira qualidade. Estas lãs são necessárias para os tecidos de qualidade.

Tem algumas lãs de razoável qualidade, brancas e também lãs pretas finas.

Estas servem, misturadas, para tecidos de segunda e terceira ordem.

O resto das nossas lãs serve para tecidos locais, para

tas grosseiras, e é exportada para a indústria de tapetes.

Porque se dão estes factos? Portugal não poderia criar melhor lã?

Sim, pode.

Porque não se melhora?

Melhorando, poder-se-hia economisar algumas dezenas de milhares escudos.

As razões são muitas.

Primeiro é necessário que o produtor saiba o que se

O comercio e a industria nunca disseram ao lavrador o que seria conveniente produzir; contentam-se em comprar o que se lhe oferece pelo melhor preço possível e vender o que podem o mais caro possível.

O produtor não sabe por conseguinte o que deve produzir. Nunca ninguém lho disse.

Lembrem-se que a maior parte dos produtores de qualquer coisa em



Pertencente ao sr. Ant. Rodrigues, de Cabeço de Vide



Carneiro Australiano, da Casa Agrícola, Dr. Rui de Andrade — Elvas



Raça Alentejana, 12 meses, pertencentes a Acacio Brito e Castro — Fronteira



Da Casa Agrícola Sampaio, Portalegre

DE RAÇA

Portugal, são mínimos produtores, pobres e ignorantes.

Estes por si só não podem progredir.

Uma das condições para que uma lã seja boa é que a alimentação seja uniforme e rica.

É difícil convencer os produtores a criar bem. É quasi impossível modificar os efeitos do clima no sul, clima tão extremo.

Alem disso é necessário saber e em certos casos ter bons produtores.

Pode o pequenino produtor por si só fazel-o?

Não.

Estas são algumas das dificuldades da ovinocultura na zona da pequena propriedade.

Mas Portugal tem também grande propriedade, e nessa as coisas são diversas.

No sul já hoje esta produção está grandemente mudada. Há grandes produtores que têm feito sacrificios grandes para criar boas lãs, importando reprodutores caros e o próprio Estado tem feito importações.

A Fonte Boa há mais de trinta anos que importou, importa e tem, carneiros Rambouillet, Ile de France etc e ainda ultimamente trouxe merinos precoces de França (Japiot e outros).

A Companhia das Lezírias, os irmãos Infantes, a Caudelaria Militar de Alter, o sr. Bernardino Mira de Arraiolos, que comprou Rambouillet e Delaine nos Estados Unidos, Samuel dos Santos Jorge que importou de Andaluzia e tantos outros.

Ultimamente veio também um carneiro de raça

australiana Wanganella de lã branquíssima e finíssima.

É assim se vai pouco a pouco vencendo a convicção que a lã era feita pela terra e que era escusado tentar melhorar.

É natural que num futuro próximo se vejam os frutos destas iniciativas.



Da Casa Agrícola, Bernardino F. Mira, de Arraiolos

vejam os frutos destas iniciativas.

Um lavrador alentejano



Da Casa Agrícola, Costa Pinto, Revenduda, Souzel



Da Casa Agrícola, Costa Pinto, Revenduda, Souzel

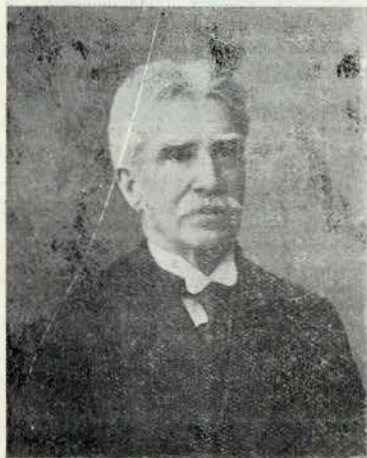
UM ALENTEJANO DE DESTAQUE

Conselheiro Fernando de Sousa

Vida Alentejana que se propôs enaltecendo todos os valores alentejanos, nesta hora em que se presta homenagem a um dos nativos desta provincia que mais se tem destacado nestes últimos 30 anos, não podia deixar de prestar também a sua homenagem a esse nosso comprovinciano.

Trata-se do sr. Conselheiro, Fernando de Sousa que o governo acaba de elevar ao grau de Comendador da Legião de Honra.

Nunca vimos comenda mais digna



Fernando de Sousa

e mais justa visto que o sr. Conselheiro Fernando de Sousa têm sido sempre um grande patriota e um homem honradissimo que bastante tem

orgulhado a Provincia donde é nativo. O sr. Conselheiro Fernando de Sousa nasceu em Viana do Alentejo a 30 de Maio de 1855.

Em 1876 concluiu na Escola do Exercito o curso de engenharia Militar onde foi nesse ano, o primeiro classificado. Foi depois promovido a tenente em 1879, a capitão em 1884, a major em 1890 e a tenente-coronel em 1897.

Seguiu na Inspeção Militar de Evora e em 1880 passou para a Direcção Geral dos Trabalhos geodesicos, servindo ali nos trabalhos de corografia, durante 9 anos.

Em 1890 foi nomeado adjunto do director dos Caminhos de Ferro do Sul e Sueste, cargo que exerceu até 1899, sendo então nomeado vogal do Conselho administrativo dos Caminhos de Ferro do Estado, onde se manteve até 1911.

É larga a sua folha de serviços publicos e como jornalista é um dos homens que mais tem marcado.

Foi director durante 4 anos do *Correio Nacional* e em 1901 dirigiu a *Palavra* do Porto, em 1907 o *Portugal*; em 1916 a *Ordem*, em 1919 fundou a *Epoca* e actualmente a *Voz*.

Como escritor também este alentejano illustre têm escrito muito trabalhos, alguns de um alto valor literário. *Vida Alentejana*, por tanto associa-se com muito carinho á homenagem que o Governo acaba de lhe prestar.

Curiosidades

Decalco do regador

- 1.º—Planejar a superficie do terreno e sistematizá-la segundo a forma de rega que se quiere seguir.
- 2.º—Tenha-se em conta o desaguento para os excessos de águas das chuvas para evitar o encharcamento dos referidos terrenos.
- 3.º—Os campos destinados a rega devem ser lavrados esmeradamente e o maior profundidade.
- 4.º—Evitar a rega em demasia; o excesso, como a falta de água, prejudica a vegetação.
- 5.º—A água deve repartir-se uniformemente por todo o terreno; se isto se não verificar é evidente que o terreno está mal preparado.
- 6.º—Convém mais, no geral, regas pequenas, repetidas, do que regas abundantes, de espaços largos.
- 7.º—O regador deve saber apreciar a quantidade de água para cortar a sua entrada na devida oportunidade.
- 8.º—Evitar sempre o uso de água fria para o régo; se essas águas são do sub solo convém arejá-las e tê-las algum tempo sob os raios solares.
- 9.º—As horas mais convenientes para regar são as da tarde e da noite; evite se sempre regar às horas do sol mais forte.
- 10.º—É conveniente renhir o solo depois de ser regado, para o melhor aproveitamento da água.

Os olhos acusam

Em Berlim encontrou-se uma nova prova de culpabilidade de um individuo acusado de haver assassinado vários membros da familia.

Nas pupilas de uma das vítimas pôde descobrir-se, nitidamente fixada, a figura de um homem brandindo um machado. A silhueta aparece com toda a clareza na retina da vítima. Tiraram-se várias fotografias das pupilas acusadoras.

O professor Bohemer, consultado sobre o facto, afirmou que é cientificamente exacto e que desde há mais de 50 anos se sabe que nos casos de grande tensão nervosa a retina pode adquirir a reaveabilidade de uma chapa fotografica e conservar uma imagem fielmente enquanto a subsistencia se não transforma.

Os animais pensam?

O sr. Kael Kraal, de Munich, fez em tempos na Sorbone, em Paris, uma comunicação curiosa ao Congresso de Investigações Psíquicas. Comprova este investigador alguns cavalos e pôs-se com eles em continuo contacto. Educa-os, mas em vez de fazer deles animais sábios, isto é: desempenhando actos maquinais, procurou fazê-los pensar por si próprios, certo de que possuíam uma faculdade «individual» e «espontânea» de julgar as cousas e também de cultivar o seu cérebro. Após alguns meses de paciência conseguiu que um dos cavalos aprendesse as quatro operações aritméticas e, a seguir, a extrair raízes cúbicas e quadradas.

Mais ainda: obteve cálculos mentais bastante complicados, e, cousa curiosa, o animal encontrava instantaneamente certas soluções que um homem levaria muito tempo a procurar.

Crê o sr. Kraal que pode também haver transmissão de pensamento entre o homem e o animal, o que nada tem de extraordinário para quem admite a existência de uma alma, de uma consciência, de um astro em todo e qualquer ser, como admittia os membros daquele congresso.

SANIDADE PECUARIA EM ELVAS

Serviços de profilaxia

Realizaram-se as seguintes vacinações: Contra o carbunculo foram vacinados 13 equideose, 43 bovinos, 100 suínos. Contra o mal rubro 1024 suínos contra a peste 1801 suínos e contra a septicémia emorrágica 399 suínos, e 308 ovinos.

Serviços de Inspeção e Higiene alimentar

Foram inspeccionados 84 animais e 26 alojamentos e praticada a fiscalização sanitária dos productos alimentares sendo efectuadas 420 visitas das quais 113 a depósitos de carne, 12 a mercearias e tendas — 61 a oficinas de preparação de miudezas, 99 a peixarias e 135 a talhos e salchicharias.

Foram julgados impróprios para consumo 112 quilos de peixe e 12 de carne.

Serviço de Sanidade

Foram tomadas todas as medidas de sanidade e policia sanitária applicáveis aos vários casos de doenças contagiosas e que constam do movimento noso-necrológico deste mês.

Morreram de febre carbunculosa 1 equideose, 2 bovinos, 1 muar de mal, rubro 72 suínos, de peste, 163 suínos de septicémia emorrágica, 50 ovinos.

Serviço de Inquérito

Foram abatidos nos matadouros municipais para consumo público, 4 bois, 9 vitelos, 1047 ovinos e caprinos, e fóra dos matadouros 21 ovinos e caprinos e 314 suínos respectivamente com o peso de 8111 quilos, 990, 16.073, 182 e 23.131 quilos.

Serviços Administrativos

Estão absolutamente em dia.

O problema da farinha em rama

Pede-me o amigo e sr. Muralha que exteiorize por intermédio do seu jornal o que penso sobre a questão que se debate na classe dos fabricantes de farinhas em rama que, finalmente assediados por uma feroz perseguição manifestada de ha anos a esta parte se resolveram a opôr resistência aos que, vendo o seu silêncio como cobardia se julgavam já senhores dominantes de tôda a indústria de moagem de Portugal.

Com maior prazer satisfação o seu pedido, sómente me penaliza não saber talvez bem desempenhar-me da missão que nesta altura é de responsabilidade, porque ainda que o meu parecer tenha um reduzido valôr poderão os meus colegas julgá-lo inconveniente por estar o assunto sendo tratado pela classe. Revelar-me-ão a falta visto que o que vou dizer representa só a minha humilde opinião.

A fabricação de farinhas em rama embora rudimentar foi, e será sempre praticada no nosso país; tentar sufocá-la é praticamente impossível não só porque constitui um hábito como que representa uma necessidade.

Necessária — porque facilita a vida dos pequenos povos especialmente nas regiões produtoras.

Necessária — e imprescindível o seu uso nas casas agrícolas. Vejamos:

1.º Porque a sua qualidade é mais alimentar.

2.º Porque as farinhas em rama que armazem os lavradores para ficarem fornecidos durante a época da sua faina agrícola e por vezes a impossibilidade dos caminhos não permite irem abastecer-se, dão melhor garantia de conservação.

3.º Porque o pão fabricado com farinha em rama se conserva em melhores condições de consumo durante o tempo que dura a cozedura, normalmente uma semana.

4.º Porque o seu uso facilita a alimentação das classes trabalhadoras visto ser mais próprio para a confecção da sopa e da agorda, seu principal alimento.

5.º Porque a todos os productores ou consumidores o seu emprego representa grandes vantagens e economia.

Necessária — porque a fabricação de farinhas em rama exercida em quasi todo o país por pequenas fábricas de moagem, moinhos e azenhas em número aproximado a 9 mil, representa, tanto capital, tanto pessoal empregado e tão grande cifra de contribuições pagas ao Estado, que entendo, só por si, justificam a continuação da sua existência e a elaboração de uma lei orgânica que pedem e merecem do Estado.

— Que diferença existe entre uma e outra fabricação?

A fabricação de rama desde que seja feita em fábricas devidamente apetrechadas, tem tanto na limpeza do cereal, como nas condições higiénicas de fabrico, vantagens iguais á moagem de peneiração; a diferença consiste em que a moagem de rama é feita geralmente numa só trituração, e a outra, em moagens e remoagens sucessivas até que o farelo e sêmea fiquem apertados e limpos de farinha.

No uso da farinha em rama a peneiração é feita em peneiras de mão cujo número de seda é variável conforme a vontade de fabricarem pão mais ou menos claro, aproveitando os sub-productos que ficam na peneira, mais ricos que os fornecidos pela alta moagem, na alimentação dos seus gados.

Como valôr alimentício, á superior.

Como custo, a diferença é apreciável, por

quanto o preço de pão de farinha em rama regula no Alentejo entre 1\$60-1\$70 o quilo enquanto o de farinha peneirada é de Esc. 2\$00 a 2\$10.

— Qual a razão da luta entre as duas moagens?

A moagem de rama não pretende lutar. Só procura defender-se; esta indústria que é secular para os moinhos e azenhas e vem de longa data para os fabricos tem se aperfeiçoado nos últimos trinta anos; na alta moagem não sei bem qual a época em que se começou a desenvolver, mas não deve ir muito além de quarenta anos; existem de facto hoje em Portugal belas e modernas instalações que muito honram e são necessárias ao país para o abastecimento em especial dos grandes centros de consumo, aproveitando bem o trigo e obtendo farinhas de qualidades extras, mas a verdade é que todos têm direito a viver e a alta moagem decerto compreende que sendo mais nova não deve levar a sua ambição a querer o extermínio de quem lhe deu o ser.

Se a ambição de presuntivos lucros, levou os capitais nacionais a fazerem montagens



Cesar de Carvalho Miranda
Gerente da firma Miranda L.da

de fabricas de alta moagem muito superiores ao consumo do país, outro tanto succedeu com os fabricos de rama e nem por isso a nossa classe pediu leis de excção ou denotação para reduzir ou acabar com a alta moagem.

Há campo para todos, federados ou constituídos em grémios cada um de nós terá o seu lugar dentro da lógica e do que é justo, e para tal eu conto inteiramente com a justiça e atenção que creio bem os Ex.^{mas} Srs. Presidente do Concelho e Ministro da Agricultura decerto vão prestar á nossa causa que representa um valôr na vida da nação, porque assim se deve considerar, visto estar conosco a população agrícola que representa 80% da população do País.

— Que pretende a moagem de rama?

No meu modo de ver, liberdade relativa para a sua industria; que se possa vender e transitar como qualquer outro genero alimentício desde que os seus productos sejam puros e bem fabricados.

Que seja permitida a fabricação de farinhas em ramas em condições de nma Legislação nova e adequada ás regiões em que o seu uso se imponha.

Que as fabricas de rama não possam estar instaladas no mesmo edificio das fabricas de peneiração mas em edificios separados e a uma distancia estipulada por lei.

Que seja permitido ás fabricas de moagem de ramas terem fóra da sua fabrica sucursais proprias ou postos de trocas á maquina e venda entregues a commissarios, em locais que julguem necessarios para o perfeito abastecimento e facilidade dos povos da região em que trabalham.

Que seja facultado poderem entregar á F. N. P. T. em todo ou em parte as suas maquinas quando na região em que trabalham não tiverem consumo para elas depois de fabricadas.

Que ás fabricas situadas em centros de maior venda e as maquinas não cheguem para o consumo lhe seja facultado requererem á F. N. P. T. a distribuição de trigo necessaria para o seu fabrico ainda que no concelho existam fabricas inscritas com peneiração, visto ficar bem assente que a população agrícola não pode, por essa circunstancia, ficar obrigada a alimentar-se com o pão que não deseja, pelas razões já apresentadas.

Que o preço de farinha em rama seja tabelado.

Finalmente, que a nossa classe se constitua em Gremios ou Federações para trabalhar em um plano de conjuncto bem servir a sua clientela e pugnarem pelos seus interesses.

Entendo que a organização das industrias e do commercio nas bases estabelecidas pelas leis vigentes nos dão perfeita garantia de todos podermos viver melhor e com mais esperanças pelo futuro.

Vida Alentejana RECOMENDA

Adubos

Reis
Sapex

Crivos

Marot

Farinhas alimentares

Nescao
Nestlé
Nestogeno
Toddy

Fibrocimento

Luzalite

Instalações eléctricas

A. E. G.

Óleos

Veodol
Veroil

Productos

Bayer

A ROSEIRA

Sua origem e sua importancia "ética e étnica"

Pelo Professor S. Decker

VI

Nada mais profundamente comovente que os inumeros paralelos creados pela imaginação piedosa dos crentes entre a rosa e a Virgem Mãe e entre a rosa e a paixão de Cristo. Conta uma lenda piedosa que sobre o tapete de musgo que cresceu ao pé da Cruz do Calvario caiu uma gota de sangue precioso do Redentor, e dessa gota, diz a lenda, nasceu a rosa! Toda a literatura mística está cheia de rosas. E' rosa o sangue de Cristo e são rosas vermelhas as suas chagas. Na aureola dos santos e do corpo dos martires desprende-se um «cheiro lembrando o odor das rosas», que atrai os bons e afugenta os maus espiritos. As multiphas conversões creadas pelo misticismo cristão entre a rosa e a Mãe de Deus, e o próprio Cristo apresentam-se sob as formas mais variadas. Assim se compreende a lenda da origem do rosario.

A rosa tornou-se dentro do Cristianismo, o simbolo da virtude e da inocencia. Uma rosa de ouro é a mais alta distincção conferida pelo Sumo Pontifice. A incomparavel visão poetica de Dante pintou o Paraíso sob a forma de uma rosa branca, cheia de brilho, dentro da qual residem os santos. Essa mesma rosa de Dante brilhava já não importa o anachronismo — nas admiraveis catedrais da Idade — Media (Reims, Strassburgo, Colonia) já na multidão das

cores dos vitrais, já formando o principal ornamento das cores magnificas, quais imensos dedos de pedra lavrada apontando para o ceu.

A Idade Media foi o milenio de trevas da humanidade. Mas houve uma estreia magnifica no ceu dessa grande noite — a ressurreição do culto da rosa no ocidente.

Os seculos da Idade — Media não se pode dizer que tenham sido inteiramente propicios ao cultivo da roseira, como o foram para o culto da rosa. Perdera-se o genio humano nas especulações da metafisica absorvente e quasi incompativel com a observação concreta, base de todo o aperfeiçoamento tecnico. Entretanto, já dissemos, a Idade — Media, permitiu que se recuperasse para a Europa o culto da rosa, fazendo-o reviver em numerosas lendas e milagres presentes ainda hoje na tradição de todos os povos do Ocidente. O pão distribuído pelos santos aos mendigos transformando-se em rosas, como um milagre do ceu, traduz a profunda estima que a rainha das flores já então disfrutava. Traduz também a reacção subconsciente de uma humanidade em caminho de grande renovação, ao materialismo do imperador romano que devolvia ao Egito ao rosas dos seus vassallos: «levem as rosas e tragam-nos trigo». Um profundo progresso sentimental se operara: «tonae o pão que vale rosas».

(Continua)

Conselhos práticos para a cultura de hortaliças

Pelo Professor S. Decker

V

Os cuidados culturais

Variam nos detalhes, como as próprias plantas cultivadas. Existem, porém, certos trabalhos gerais, que são imprescindiveis a qualquer cultura racional. São os seguintes:

Os *amanhos* e *limpezas*, que servem para evitar as ervas daninhas, que devem ser arrancadas antes de terem formado as suas sementes. Caso contrário, contribuiríamos sómente para a sua maior disseminação. Elimina-

das essas plantas a água que se acumula entre elas desaparece, o que é de importância porque essa humidade favorece muito o aparecimento de certas moléstias criptogâmicas. Evita-se ao mesmo tempo a evaporação inutil da água do sub-sólo e facilita-se a penetração do orvalho e das águas pluviais, bem como do ar tão necessário para as bacterias bem-fazejas e que vivem nas camadas superiores do sólo.

Nas culturas pequenas basta o trabalho manual. Nos campos extensos

deve-se empregar o cultivador à tracção animal ou mecânica. Neste último caso dar-se-há ás linhas uma distância maior ou deixa-se um maior espaço livre após cada série de linhas plantadas.

As *regas* são da máxima importância. E' preferível regar poucas vezes por semana, mas com abundância, visto que a água superficialmente derramada, evapora-se quasi instantaneamente, servindo apenas para refrescar as plantas. E' esta a razão porque devemos regar de preferência nas horas da tarde ou, pelo menos, nas primeiras horas da manhã antes que a terra esteja muito aquecida pelo sol. Devemos preferir a água da chuva e dos tanques abertos ou dos riachos à água de torneira, sempre mais fria do que o ambiente exterior das plantas cultivadas que facilmente se ressentem de um resfriamento, ás vezes fatal para elas.

As *amontoas*, enfim, consistem em chegar terra dos dois lados ao pé das plantas, de modo que se formem leivas paralelas as próprias fileiras, que facilitam a formação de raízes adventicias destinadas a auxiliar a alimentação das plantas ou aumentam o número de tubérculos subterrâneos fornados por certas plantas cultivadas.

O nosso empreendimento

Ainda continuamos a publicar os nomes dos amigos que nos honram com a sua assinatura.

Borba: Ex.^{ma} Sr.^a D. Leonor Barahona Caldeira, Eduardo Augusto Coelho Trindade, D. Sebastião Heredia, dr. João da Silveira de Sousa Leitão, Leandro Capucho Figueiredo, Barnabé Joaquim Ramalho, Manuel Joaquim Coelho, Grémio Regionalista da Orada e dr. Vicente de Carvalho Córtes.

Estremós: Srs. Daniel Córtes Abelha (São Domingos), dr. André de Brito Tavares, Filipe B. Almeida e Sousa, Joaquim Francisco Carreço Simões, Joaquim António da Cruz Margalho, Joaquim Mestre Fernandes, Luiz Gomes de Rezende, dr. Luiz da Silva Martins, Teodoro de Oliveira Zuzarte, Roberto A. de Carvalho Alcaide, e Córtes & Córtes.

Veiros: Srs. António Joaquim de Sousa Zuzarte, António da Silva Lobato, Francisco Manuel de Matos Córtes e Virgílio Alves Pimenta.

Dr. Joaquim A. Guerreiro

Cirurgião Dentista

Rua do Loreto, 50 — 1.^o

Telefone 20715

Trabalhos, os mais dificeis 20 %, desconto aos assinantes da *Vida Alentejana* e socios do respectivo Gremio.

Cotação maxima dos produtos agricolas

Designação	Beja mercado 5 de Nov.	Evora Mercado 11	Portalegre Mercado	Elvas	Alpalhão Mercado 2 de dezembro	Estremós mercado de 30 de Nov.	Bolsa de mercadorias
Aveia, 20 litros	6\$50	7\$00	8\$00	7\$00	6\$00	7\$00	<p>Na Bolsa de Mercadorias e na sessão do dia 4 effectuou-se a seguinte transação.</p> <p>Azeite extra 670\$00 os 100 quilos, sob vagou em Souzel.</p> <p>Na sessão do dia 29 houve oferta dos seguintes produtos:</p> <p>Avçia: \$850 — Cevada: \$95 e fava ratinha 1\$15.</p>
Centeio, 20 litros	—	k. 8\$0	12\$00	—	9\$50	—	
Cevada, " " "	7\$50	9\$00	10\$00	13\$50	—	9\$50	
Fava, 20 litros	13\$00	14\$00	14\$00	13\$00	12\$00	14\$00	
Grão de bico, 20 litros	2\$250	25\$00	28\$00	22\$00	18\$00	22\$00	
Lã branca, 15 kilos	—	130\$00	—	130\$00	—	145\$00	
Lã preta, " " "	—	100\$00	—	100\$00	—	120\$00	
Queijos cabra, kilo	12\$00	cent. 80\$00	9\$00	12\$00	—	12\$00	
ovelha, kilo	12\$00	" 70\$00	13\$00	12\$00	—	12\$00	
Azeite, 10 litros	(litro) 5\$50	60\$00	60\$00	60\$00	65\$00	60\$50	
Cortiça, 15 quilos	—	—	8\$00	—	—	—	
Vinho branco, 500 litros	500\$00	375\$00	500\$00	—	—	—	
Vinho tinto, " " "	500\$00	375\$00	500\$00	—	—	—	
Carvão, 15 quilos	—	5\$50	7\$00	5\$00	—	5\$00	

Cotação maxima de gados

Designação	Beja Mercado 6-X	Evora	Elvas	Estremós mercado de 30 de Nov.	Portalegre	Alpalhão Mercado 2	
Cavalo de sela	3.000\$00	2.000\$00	2.500\$00	3.000\$00	4.500\$00	—	
Pareia de cavalos	5.000\$00	4.000\$00	5.000\$00	6.000\$00	6.000\$00	—	
Jumento	500\$00	400\$00	300\$00	4.000\$00	300\$00	—	
Pareia de muares	8.000\$00	8.000\$00	8.000\$00	7.000\$00	9.000\$00	—	
Junta de bois	4.000\$00	4.000\$00	5.000\$00	5.000\$00	5.500\$00	—	
» vacas	3.000\$00	2.800\$00	3.000\$00	3.500\$00	3.000\$00	—	
Vaca leiteira	2.000\$00	2.000\$00	1.500\$00	1.800\$00	2.000\$00	—	
Novilhos	700\$00	—	2.000\$00	—	1.500\$00	—	
Vitela de 6 mezes	400\$00	400\$00	600\$00	600\$00	400\$00	—	
Carneiros	100\$00	90\$00	90\$00	90\$00	120\$00	—	
Ovelhas	100\$00	100\$00	70\$00	70\$00	100\$00	—	
Borregos	20\$00	50\$00	30\$00	30\$00	40\$00	—	
Cabra leiteira	110\$00	100\$00	120\$00	120\$00	90\$00	—	
Cabrito	20\$00	25\$00	30\$00	30\$00	14\$00	—	
Porco, em vivo	(Arroba) 80\$00	250\$00	(1 ano) 250\$00	360\$00	(Ar.) 100\$00	(Arroba) 85\$00	
Bacoros	50\$00	30\$00	(2 ano) 140\$00	145\$00	30\$00	(8 mes.) 50\$00	
Leitão de mês	12\$00	15\$00	15\$00	10\$00	20\$00	—	

Salários médios

Concelhos	Designação de trabalhos	SALÁRIOS				Observações
		Homens		Mulheres		
		A sêco	C/ comida	A sêco	C/ comida	
Evora	Trabalhos da época	8\$00	3\$50	3\$00	2\$50	
Portalegre	Sementeiras e hortas	7\$00	5\$00	3\$00	—	
Borba	Vindima	7\$00	—	3\$00	—	
S. Tiago do Cacem	Lavoura	8\$00	4\$00	—	—	
Beja	Sementeiras	7\$00	5\$00	—	—	
Elvas	Sementeiras	8\$00	3\$00	4\$00	2\$00	
Estremós	Sementeiras	—	3\$00	4\$00	—	
"	Apanha da azeitona	—	8\$00	—	4\$00	

Carnes verdes e fumadas

Designação	Preços por quiliograma							
	Beja	Redondo	Evora	Portalegre	Elvas	Lisboa	Estremoz	Alpalhão
Cabra	4\$00	—	—	5\$00	—	7\$00	5\$00	—
Cabrito	4\$00	—	—	4\$50	—	8\$00	5\$00	4\$00
Carneiro	5\$00	—	6\$00	4\$00	6\$00	7\$00	5\$00	—
Porco com osso	10\$00	6\$00	8\$00	6\$00	6\$00	9\$00	6\$00	6\$00
sem osso	12\$00	12\$00	12\$00	—	12\$00	12\$00	12\$00	—
Vaca com osso	5\$20	—	6\$50	4\$00	4\$00	9\$00	5\$00	—
sem osso	10\$20	—	12\$00	8\$00	8\$00	—	10\$00	—
Chouriço	16\$00	18\$00	16\$00	13\$00	14\$00	—	14\$00	114\$00
Farinheira	—	—	8\$00	7\$00	10\$00	—	10\$00	6\$00
Morcela	—	14\$00	10\$40	7\$00	10\$00	14\$00	10\$00	8\$00
Paio	18\$00	20\$00	24\$00	—	16\$00	8\$00	18\$00	17\$00
Presunto	15\$00	—	—	18\$00	18\$00	8\$00	22\$00	—
Toucinho	7\$00	10\$00	7\$20	7\$00	9\$00	24\$00	8\$00	6\$00
Banha de porco	8\$00	8\$00	8\$00	6\$50	9\$00	12\$00	9\$00	—

ADUBOS

Não comprem sem nos consultar!

No intuito de bem servirmos a lavoura portuguesa, temos á venda todos os ADUBOS, aos melhores preços, e nas melhores condições.

Sulfato de amonio: 21 % de azote, cristal em sacos cozidos á maquina.

Sulfato de amonio: 21 % qualidade coke, macio, em sacos cozidos á mão.

Nitramonio: 21 % de azote, sendo metade nitrico, metade amoniacal—40 % de cal. O mais barato adubo azotado.

Cianamido: 19/20 % de azote

Fosfato Allegro: 26 %, o mais barato e melhor adubo fosfatado, para terras fracas, acidas ou pobres de cal.

Superfosfato Leão: importado da Holanda. A 12 %, 16 % e 15 %.

Fosfato Tomaz: 14 %, 16 % e 18 %.

Cloreto de potassa
Sulfato de potassa
Kainite

Grandes reduções de preços sobre estes adubos.

Niphokallum «Albatrós»

Três adubos em um só. Adubos concentrados granulados.

Purgueira «Cabrinha»
Ricino belga

Fosfato de amonio
Adubos organicos, farinhas de peixe, adubos compostos.

O maior sortido em adubos. Consultas técnicas a cargo de um competantissimo agrónomo

Sociedade de Adubos Reis, L.^{da}
ua da Betesga, 41, 1.^o — LISBOA

Obras de Pedro Muralha

Alemanha Perante a Europa...	(Esgotado)
Belgica Heroica	(»)
Terras d'Africa 2 vol....	40\$00
Portugal no Brazil 1 vol. ...	15\$000
A Prôa de Sagres 1 vol. ...	10\$00
Cartilha Colonial 1 vol. ...	5\$00
Album Alentejano, Tomo de Beja ...	20\$00
Tom de Evora...	25\$00

Brevemente :

Album Alentejano, Tomo de Portalegre	30\$00
Artigas	10\$00

Pedidos á

R. da Rosa, 105, 1.^o

ALBUM ALENTEJANO

TOMOS PUBLICADOS:

Beja	20\$00
Evora	25\$00

A SAIR:

PORTALEGRE

Com mais de 1.000 fotografuras e 500 páginas 35\$00
Os assinantes tem direito a 50 % de desconto nos tomos que tenha o seu anuncio.

Pedidos a ALBUM ALENTEJANO, IMPRENSA BELEZA

Rua da Rosa, 99 a 107 — Lisboa